



STARLIGHT GUARDIANS

THE ANIMA CHRONICLES S02E01

PT



Portal Nexo, Estação Vórtice. Cinco mil testemunhas do irrevogável.

A abertura convulsiona — glifos Spatia gritando onde outrora cantavam, a membrana do anel estilhaçando-se em geometrias irregulares que nenhum cartógrafo poderia nomear.

O espaço dobrado desaba como escritura amassada. Escuridão sangra pelas bordas, com gosto de ozônio e legado carbonizado.

INTEGRIDADE DIMENSIONAL COMPROMETIDA — e ainda assim o anel alucina entre a existência e a ruína, um altar megalítico para a consecução lenta da catástrofe.





ESTAÇÃO VÓRTICE — DOCAS DA FORJA DO CÉU

Uma catedral de sucata e segredo, onde a Magnetica contém a respiração.
Os soldadores de arco abatem a escuridão em silêncio — cada clarão, uma pequena provação, paga em sombras.
Sob o transportador de minério, uma figura deriva. Ligada tenuemente.
Sozinha em espírito e mente.



Estação Vórtice. Anel Externo. Créditos de Oxigénio: Críticos.

Os números no antebraço de Winn dizem asfixia. Kael diz ótimo.

Trezentos adormecidos lá em baixo — sem sonhos, congelados, favoravelmente reportados.

Em algum lugar no vazio profundo, algo atraca. Nenhum dos dois pergunta o quê.



Estação Vórtice, Baía Desativada — Setor Desconhecido.

Cada respiração aqui é uma transação. Cada silêncio, um déficit.

O ribombar não pertence a nenhuma máquina. O engenheiro Nascido do Vazio sabe-o — com tranquilidade, de forma irreversível.

Algures na escuridão bronze, um parafuso solto gira. Paciente. Sem peso. À espera de ser separado do ruído.



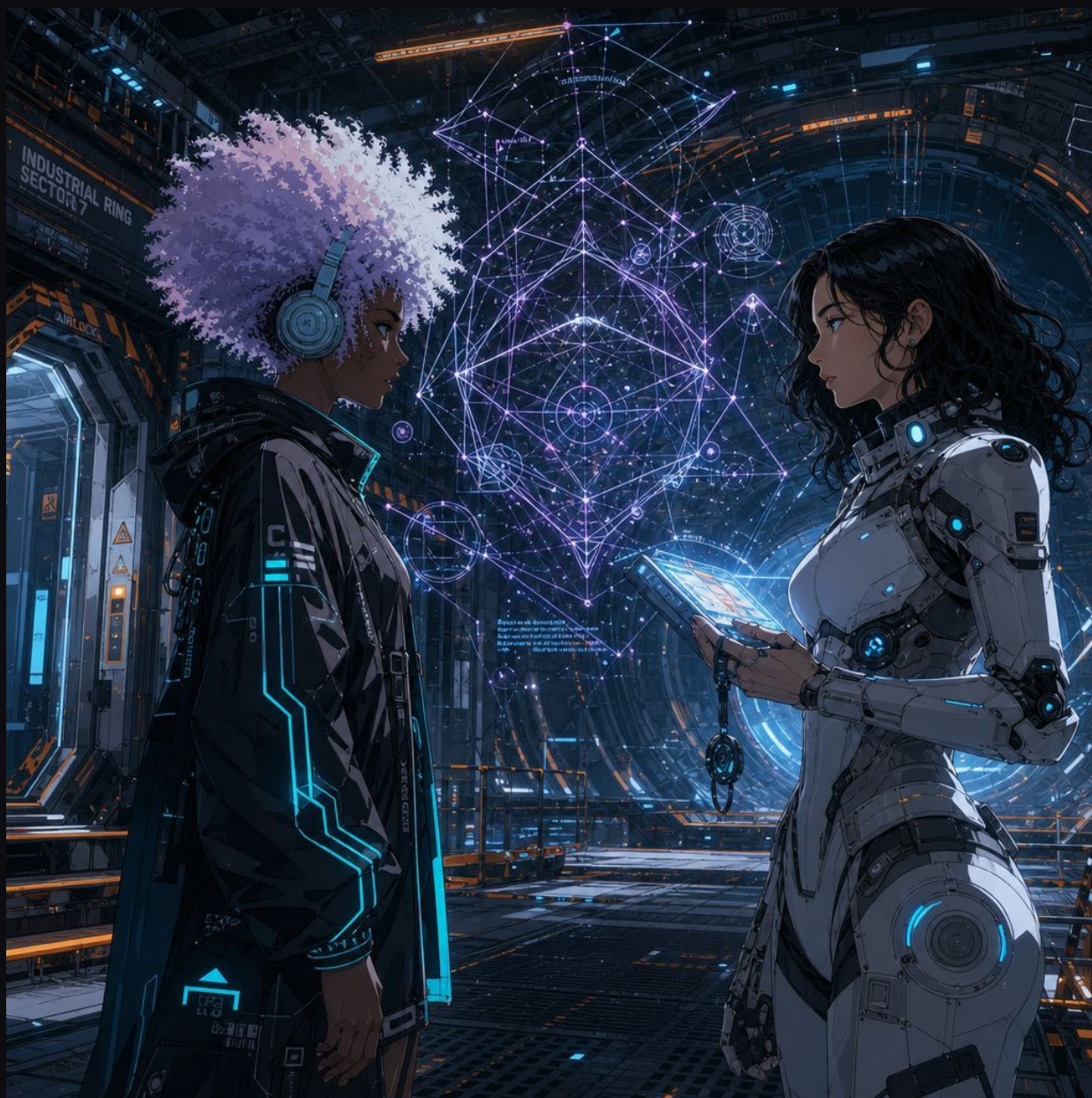
Estação Vortex. Os padres cantores da Catedral de Algas calam-se. Não em sequência. Não por escolha. Em incrementos de meio segundo, cada tanque escurecendo um intervalo preciso antes do próximo — um ritmo demoníaco que não espelha nada na natureza e tudo na engenharia.

A Almirante Kess está junto à antepara magnética fria. Magra como um osso. Nascida no vácuo. Seu implante de pulso cascata com dados que ela observa há três horas sem se permitir nomear o que está a ver.

Nova Terra: assinatura de Root Rot. O Drift: falhas de orvalho evaporando em intervalos precisos de 117 horas. Tidalcross: anomalias nas comportas de pressão espalhando-se por selos de compósito de coral. Cada fratura seguindo a mesma geometria angular.

RESONANTIA (Transmissão interna): "Padrão bloqueado. Origem: nula. Vetor de propagação: desconhecido."

As palavras chegam sem conforto. Os dados recusam-se a fornecer um único ponto de origem, porque está em todo o lado ao mesmo tempo.



Estação Vortex. Laranja de segurança e azul frio e o preto absoluto do vácuo. Dr. Chen entrega a Kaori um pendente denso em dados.

Kaori aceita-o. Sua Visão-Verdadeira ativa-se — involuntariamente. O invisível torna-se grotesca e horivelmente visível. Uma forma tecida através do próprio espaço Anima.

O padrão roda. Fractais hexagonais aninhados infinitamente mais fundo a cada rotação. Como se a contaminação se estendesse para dimensões além das três cromáticas que o Anima tipicamente mapeia.

DR. CHEN: "Tu vêς também." Duas mulheres num anel orbital moribundo, encarando a prova de que o que quer que as cace pensa em matemática mais antiga que a linguagem.

KAORI: "Isto é arquitetura. Alguém construiu isto." O padrão continua a rodar. Paciente. Tem estado à espera há mais tempo do que qualquer uma delas está viva.



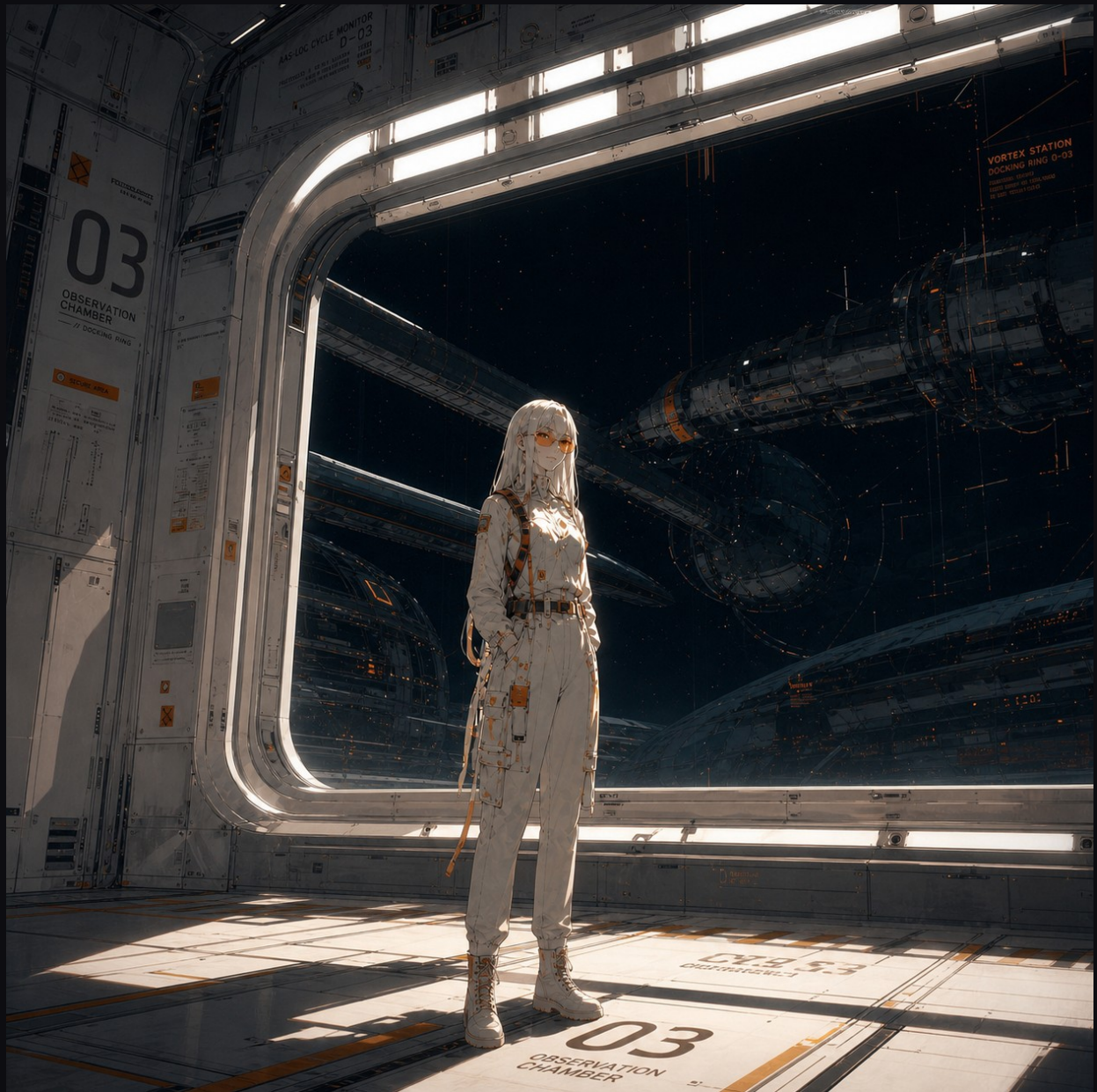
Estação Vortex. A Primeira Vaga senta-se em posições equidistantes em torno de uma mesa de metal. Seus ritmos respiratórios estão sincronizados, o elo-fantasma tornando a função individual numa coreografia coletiva.

Acima das suas têmporas: fractais de Energia arqueando silenciosamente. As libertações de emergência da interface neural ativam chamadas de saudade, alcançando para trás através de três séculos para algo que já não existe.

A Mais Velha encara as suas palmas. Elas pertencem a outra pessoa. São uma relíquia. Ela é sua guardiã.

MARA: "Devemos-lhes por não terem ficado enterrados."

O elo-fantasma mantém-nas em formação. Sobreviventes executando aceitação. Prisioneiras num ritmo sincronizado. O luto como coreografia.



Duzentos e oitenta anos de divergência.
O corpo reescreve aquilo que o espírito não pôde desfazer.
Ela está sozinha em branco — medrosa, atárquica, ascendente.
Uma ladainha de adaptação. Um feito inesquecível.



Quarenta metros acima dos forrageiros, a selva cresce mais densa para guardar seu segredo.

Suas roupas cinza-musgo ardem em âmbar — o Elo se alimenta da antecipação que ela não pode poupar.

Doze horas com uma criança-céu. A fronteira entre terra e céu, já desfeita.

Ela se aperta contra o talo. Alguns conhecimentos, uma vez enraizados, não podem ser desaprendidos.



Três séculos de canto ininterrupto — ceifados num único alento.
O pulso da Ascensão alcança a Bacia de Kanara. Os insetos partem primeiro.
Depois os pássaros. Depois o vento. Depois tudo aquilo que sabia estar vivo.
Quando a selva encontra sua voz novamente — tímida, férvida, questionadora
— deve recordar que ainda possui o direito de falar.



SS-JUNGLE-07 — Bacias Onde a Selva Se Inclina para Beber

Oitocentas figuras pálidas, outrora viajantes da colmeia ancestral do dossel — aqui, enfim, elas repousam em abundância perfeita.

As videiras atunadas em Vitalis negociam privacidade como diplomatas pacientes. O rugido da cachoeira se suaviza em um tambor sacerdotal. A selva, séculos de profundidade, cumpre seu papel imensurável: nutrir sem pedir nada em troca.

Cicatriz-de-Sombra recorda cada estação. Ela seduz os redemoinhos. Ela guia as flores flutuantes em espirais. Sempre soube como erguer uma catedral de água aberta.



AS RAÍZES PROFUNDAS — CICATRIZ SOMBRIA, SUBNÍVEL NÃO DIVULGADO

Cinquenta mil almas que responderam ao sepultamento com arquitetura.

Três séculos de escavação paciente. Iluminado por fungos. Desafiador.

Permanente.

Não fugiram da escuridão. Fizeram-na sua.



Den dos Astrónomos de Nova Terra. Esporos bioluminescentes flutuam através de arquitetura vascular. Os Doentes-do-Brilho reúnem-se aqui, seus olhos envoltos em linho cerimonial, protegidos da Aura-Net da cidade.

Uma Matriarca Astrónoma inclina-se para a frente. As cicatrizes fosforescentes nos seus antebraços constituem uma linguagem que a Aura-Net não consegue transmitir. MATRIARCA: "Coroa. Crater City. Ápice."

Os sete elos Espectrais de Eve zumbem. Atairukh, o mais velho, aguça a sua presença. O reflexo roxo cintila através das paredes de pedra húmida.

A Matriarca pressiona uma palma contra o peito de Eve. MATRIARCA: "Não deixes que ele te veja primeiro."

Eve guarda isto nos espaços em branco entre as suas costelas onde os segredos calcificam. A compartimentação não é traição. É arquitetura. Ela diz isto a si mesma.



A dor de Taro ondula pela Crosta da Selva: azul-esverdeada, irreversível, difundida a todos.

Até o Alto Conselho não consegue desviar o olhar daquilo que já consentiu em perder.



Taro trata seu primeiro Homem Oco.

Sua ligação Vitalis percebe algo sob a assinatura de Anima esvaziada pela Escória, algo mais antigo, uma forma de queimação para a qual ele ainda não tem linguagem.



A luz dos fungos projeta tudo em violeta doentio. A luz da contabilidade — uma frequência que revela obrigação, que despe a pretensão da graça social e deixa apenas saldos de contas.

Melori está na passagem elevada. Sua pele de obsidiana preta mate absorve a luz violeta. Seu cabelo liso para trás, puramente branco, capta-a nitidamente. Seus antebraços cristalinos refratam-na para baixo.

Taro e Kai aproximam-se. O peso da avaliação de Melori atinge Taro antes que os olhos dela o encontrem — diferenciais de pressão, como se ela estivesse a calcular o passivo dele.

Os olhos brancos de Melori encontram os de Taro. Suas veias bioluminescentes pulsam em padrões anulares — rítmicos como a respiração de um interrogador.

MELORI: "Tu trazes ele aqui." (Uma declaração, acusação ou simples nota de facto.)



O Salão dos Ancestrais abre-se diante deles — quatro mil estátuas calcificadas em agrupamentos genealógicos. O teto de treliça de raízes filtra a luz verde tenebrosa através da sua geometria trançada.

Melori para numa estátua entre quatro mil. É a mais gasta, suas feições erodidas quase até à abstração. Tocada. Semanalmente. Ao longo de décadas.

Seus antebraços cristalinos captam o verde-raiz. Suas veias roxas pulsam enquanto sua mão nua pressiona contra a pedra. Um encontro semanal mantido em silêncio.

Taro reconhece este peso de luto formalizado em ritual. Ele dá um passo à frente. Melori levanta uma palma cristalina, parando-o com generosidade em vez de recusa.

Os olhos brancos de Melori encontram os de Taro. Isto é o que ela carrega. E ela trouxe-o aqui para segurar uma porção desse peso — não para o tirar, mas para o testemunhar.



Trezentos metros de selva acima. Dois amigos ajustando um dial.

O rádio encontra uma voz. Calendários de colheita. Distante e ordinário e suficiente.

Refletido na bacia — um tríptico de resistência: a rapariga, o rapaz, o grifo — mantidos imóveis pela raiz, pela água e pela longa negociação da árvore com o viver.



A Junção da Crosta exala perfume de musgo e o cheiro-fantasma de decomposição de raízes. Esporos bioluminescentes flutuam como neve invertida. Eve senta-se de pernas cruzadas num ninho de fibras de raiz tecidas. Ela tem pensado na Coroa. O conhecimento assenta no seu peito como uma pedra atirada para águas paradas. Ondulações espalhando-se para fora. Ainda não tocando nos seus outros seis elos.

Atairukh, o Espectro de Gravita mais velho, ocupa o espaço atrás dela como um facto geológico. O portador do veto. Aquele cuja recusa carrega o peso da negação absoluta.

A pergunta de Eve é moldada mais pela respiração do que pela articulação. A cabeça maciça de Atairukh inclina-se. O olho injetado de sangue intensifica o seu escrutínio. A luz verde-cobre aprofunda-se em direção ao âmbar.

A impossibilidade: Atairukh não recusa. A cabeça maciça baixa. O ninho de raízes sob Eve afunda-se mais na pedra, como se a arquitetura reconhecesse a



Cicatriz da Sombra — Ano 312 do Pacto da Regeneração.

A Espinha da Antiguidade: irredutível, incontestável, mais antiga que a memória de qualquer mordomo vivente.

Mil habitantes se movem através de seu labirinto de raiz e respiração — não como conquistadores, mas como adeptos. Infinitamente pacientes. Ganhando cada passo.

A selva julga. E, lamentavelmente, ela se lembra.



A Cicatriz da Sombra não tolera os fracos de espírito.
Duzentos metros de ar vivo — e a selva observa cada passada.
Vitalis lê os passos. O dossel decide se te apanhará.
Adiante: um habitat nascido da paciência deliberada, sua porta aberta apenas
àqueles que ele julga dignos de chegada.



Cicatriz de Sombra — Estratos Médios, Hora do Dossel

Dois mil habitantes pálidos, dispersos em videira e casca. O movimento, única prova de habitação.

A floresta não perdoa. Ela contabiliza.

Cada folha um limiar. Cada raiz uma força para aqueles que esquecem a reverência.



Elyndor, Cidade do Bosque Endividado.

Onde a devoção aos Caminhos Antigos é medida em colheitas moribundas — e a grade mantém o registro.



Câmara de Convergência de Tidalcross. Ghost-Walkers, Memory Trade e redes Slip-Thread reúnem-se. Melori organiza as provas na mesa central com a especificidade de um veredicto.

MELORI: "A contaminação não foi libertada. Foi implantada. A verdadeira questão é o que a contaminação foi desenhada para impedir que alguém olhasse."

MELORI: "Algo está no leito rochoso profundo de cada civilização. Algo tão antigo que a contaminação precisava de estar instalada há noventa anos antes que a coisa por baixo pudesse completar o seu propósito."

As três redes sustentam a respiração. A câmara escurece fracionalmente. Acima deles, o conjunto move-se inconsciente de que o seu heroísmo serviu de cobertura para esta revelação.



Cicatriz de Vitalis — Território da Crosta de Sombra

A dívida é paga em trabalho. A floresta a recebe em silêncio.

Esporos ascendem. Perdão, entrancado de aviso, flutua para cima como neve que esqueceu da gravidade.

No ápice: um girassol, voltado não para os dois sóis — mas para baixo, em direção aos Abandonados.



Os Bosques do Lembrar guardam o que as instituições não conseguem nomear —

memória gasta nas asas, no ar denso de esporos, no furor do corpo antes de a *мыслиа* chegar.

Taro entra carregando a Ascensão como uma ferida. As mariposas estavam à espera.

A consciência, ao que parece, arquiva-se a si própria. A selva sempre foi testemunha.



A selva não esquece aquilo através do qual cresceu.

Uma guardiã Cicatriz. Um vínculo Vitalis mais antigo que suas ferramentas de latão. Um reflexo que aprendeu a sorrir.

Ela não olha para cima porque ouviu algo.

Ela olha para cima porque as raízes lhe sussurraram seu nome.



O vidro não mente — simplesmente refrata o custo.

Mira. Mordoma da Cicatriz Sombria. Âncora de Vitalis. A última coisa coerente na sala.

Trezentos metros de selva abaixo, paciente como teologia, aguardando reclamar o que séculos de comércio não puderam exorcizar.

Ela sustém o elevador. Ela se sustém. O terminal se dissolve ao redor de ambas.



Sob a Raiz Polida — Centro de Trânsito de Shadow Scab

Trezentos anos de pacifismo armado, talhados em cada rosto que o suporta. Os seus traços, fracturados pelo espelho de casca: ângulos implacáveis, a fria aritmética de uma sobrevivente que confundiu oportunismo com sabedoria. Atrás dela, uma segunda figura recua. A selva conta cada passo. Já devorou a calamidade antes — e reconstruiu-se, paciente, demoníaca, íntegra.